



temporada
artística
2026

município de

santa cruz
madeira



OCEANO ATLÂNTICO

30
ABR
13
JUN



indígena, exótica, invasora
indigenous, exotic, invasive

adonis galvão

casa cultura
santa cruz



índice | *index*

apresentação - emanuel gaspar 5
sinopse | artista - adonis galvão 11
vídeo institucional 17
indígena, exótica, invasora - marcia zoé ramos 19
sala 1, indígenas e exóticas 23
sala 2 - sala das invasoras 37
sala 3 - futuro 61
sala 4 - sala dos dragoeiros 81
conversa com violante saramago matos e susana fontinha 97

presentation - emanuel gaspar 7
synopsis | artist- adonis galvão 13
institutional video 17
indigenous, exotic, invasive - marcia zoé ramos 21
room 1, indigenous and exotic 25
room 2 - invaders room 39
room 3 - future 63
room 4 - dragon trees room 83
conversation with violante saramago matos e susana fontinha 97

apresentação

Emanuel Gaspar | Coordenador da Casa da Cultura de Santa Cruz

A exposição Indígena, Exótica, Invasora, de Adonis Galvão, apresentada na Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo, resulta do convite dirigido ao artista por este equipamento cultural, no âmbito do evento Santa Cruz em Flor, reafirmando o compromisso da instituição com projetos que promovem o diálogo entre arte contemporânea, património natural e reflexão crítica sobre o território.

Com curadoria de Márcia Zoé Ramos, que escreve excelentes textos para cada sala, a exposição propõe uma reflexão sobre a paisagem enquanto campo de relações em constante transformação, onde natureza, cultura e história se entrelaçam. Tomando o arquipélago da Madeira como território de investigação, o projeto aborda as tensões entre espécies indígenas, exóticas e invasoras, questionando categorias que procuram fixar identidades no mundo vivo e evidenciando os processos de deslocação, adaptação e coexistência que caracterizam os ecossistemas.

O percurso expositivo inicia-se na primeira sala, dedicada às plantas indígenas e exóticas. Neste núcleo, as obras estabelecem um diálogo entre espécies nativas da ilha e aquelas que foram introduzidas ao longo dos séculos, revelando as complexas relações entre biodiversidade, circulação de espécies e construção da paisagem madeirense. O visitante é convidado a refletir sobre os conceitos de origem, pertença e transformação, reconhecendo a paisagem como resultado de múltiplos encontros culturais e biológicos.

A segunda sala centra-se nas plantas invasoras, explorando os impactos ecológicos e simbólicos da sua presença no território. Neste espaço, Adonis Galvão questiona as fronteiras entre integração e ameaça, problematizando a própria noção de invasão e as formas como determinadas espécies são classificadas e perçecionadas. As obras sugerem uma leitura crítica dos processos de exclusão e adaptação, aproximando questões ambientais de reflexões mais amplas sobre identidade e convivência.

As plantas invasoras, pintadas sobre frágeis mapas turísticos da Madeira, constituem uma crítica subtil e uma forma de contestação ao que acontece na ilha para além da narrativa oficial divulgada pelo governo.

Destaca-se ainda, no chão, uma instalação composta por materiais trazidos pelo mar até às costas da Madeira, recolhidos pelo próprio artista, funcionando como metáfora das diversas formas de invasão e contaminação provenientes de outros territórios.

Na parede, merece igualmente atenção um mapa da Madeira do século XIX, sobre o qual foram pintados cabos marítimos de comunicações que “amarram” a ilha ao exterior, sugerindo um alerta para as atuais formas de contaminação e invasão associadas às redes digitais e à internet.

presentation

Emanuel Gaspar | Coordinator of the Santa Cruz House of Culture

A terceira sala é dedicada à cana-de-açúcar, planta que desempenhou um papel determinante na história económica, social e cultural da Madeira. Através deste núcleo, o artista recupera a memória de uma espécie que marcou profundamente a ocupação e a transformação da paisagem insular, evocando simultaneamente os ciclos de prosperidade, exploração e circulação que caracterizaram a expansão açucareira no Atlântico. A Madeira constituiu, a partir de finais do século XV, o primeiro espaço experimental do desenvolvimento capitalista desta cultura, que posteriormente se expandiu pelo Atlântico, atingindo o seu apogeu no Brasil. Nesta sala, a abordagem plástica aproxima-se mais do design, apresentando uma linguagem mais abstrata e geométrica.

No piso superior, a exposição culmina com um espaço dedicado ao dragoeiro, uma das espécies mais emblemáticas da Macaronésia e símbolo da singularidade ecológica da Madeira. Neste núcleo, o dragoeiro surge como testemunho da resistência e da continuidade da vida ao longo do tempo, assumindo uma dimensão quase mítica. As obras exploram a sua presença histórica, cultural e simbólica, transformando-o numa metáfora da permanência e da capacidade de adaptação dos ecossistemas insulares.

Ao longo de toda a exposição, Adonis Galvão desenvolve uma linguagem visual que transita entre a pintura, os meios digitais e a instalação, criando paisagens híbridas onde o orgânico e o artificial, o natural e o construído, coexistem e se contaminam mutuamente. As suas obras evocam tanto a memória de ecossistemas originários como possíveis cenários futuros, onde a natureza surge também como síntese, invenção e projeção.

A curadoria de Márcia Zoé Ramos articula estes diferentes núcleos numa narrativa coerente e envolvente, conduzindo o visitante por um percurso que ultrapassa a contemplação estética para promover uma reflexão crítica sobre as relações entre seres vivos, territórios e temporalidades. Desta forma, Indígena, Exótica, Invasora afirma-se como uma investigação poética e política sobre a paisagem, entendida não como realidade fixa, mas como um processo dinâmico de transformação contínua.

Mais do que uma exposição sobre a flora da Madeira, este projeto convida o público a reconsiderar as noções de pertença, identidade e coexistência, revelando a paisagem como um organismo vivo, em permanente construção e reinvenção.

Emanuel Gaspar

Mestre em Arte e Património pelo Departamento de Arte e Design da Universidade da Madeira e é licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É investigador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. É Coordenador da Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo.

The exhibition “Indigenous, Exotic, Invasive,” by Adonis Galvão, presented at the Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo, is the result of an invitation extended to the artist by this cultural institution, as part of the Santa Cruz em Flor event, reaffirming the institution’s commitment to projects that promote dialogue between contemporary art, natural heritage, and critical reflection on the territory.

Curated by Márcia Zoé Ramos, who writes excellent texts for each room, the exhibition proposes a reflection on the landscape as a field of constantly transforming relationships, where nature, culture, and history intertwine. Taking the Madeira archipelago as a territory for investigation, the project addresses the tensions between indigenous, exotic, and invasive species, questioning categories that seek to fix identities in the living world and highlighting the processes of displacement, adaptation, and coexistence that characterize ecosystems.

The exhibition begins in the first room, dedicated to indigenous and exotic plants. In this core area, the works establish a dialogue between native species of the island and those that have been introduced over the centuries, revealing the complex relationships between biodiversity, species circulation, and the construction of the Madeiran landscape. Visitors are invited to reflect on the concepts of origin, belonging, and transformation, recognizing the landscape as the result of multiple cultural and biological encounters.

The second room focuses on invasive plants, exploring the ecological and symbolic impacts of their presence in the territory. In this space, Adonis Galvão questions the boundaries between integration and threat, problematizing the very notion of invasion and the ways in which certain species are classified and perceived. The works suggest a critical reading of the processes of exclusion and adaptation, bringing environmental issues closer to broader reflections on identity and coexistence.

The invasive plants, painted on fragile tourist maps of Madeira, constitute a subtle critique and a form of contestation of what happens on the island beyond the official narrative disseminated by the government.

Also noteworthy on the floor is an installation composed of materials brought by the sea to the coast of Madeira, collected by the artist himself, functioning as a metaphor for the various forms of invasion and contamination originating from other territories.

On the wall, a 19th-century map of Madeira also deserves attention, on which maritime communication cables have been painted that “tie” the island to the outside world, suggesting a warning about the current forms of contamination and invasion associated with digital networks and the internet.

The third room is dedicated to sugarcane, a plant that played a decisive role in the economic, social, and cultural history of Madeira. Through this core, the artist recovers the memory of a species that profoundly marked the occupation and transformation of the island's landscape, simultaneously evoking the cycles of prosperity, exploitation, and circulation that characterized the sugar expansion in the Atlantic. From the late 15th century onwards, Madeira constituted the first experimental space for the capitalist development of this crop, which later expanded across the Atlantic, reaching its peak in Brazil. In this room, the artistic approach leans more towards design, presenting a more abstract and geometric language.

On the upper floor, the exhibition culminates with a space dedicated to the dragon tree, one of the most emblematic species of Macaronesia and a symbol of Madeira's ecological uniqueness. In this nucleus, the dragon tree appears as a testimony to the resistance and continuity of life over time, taking on an almost mythical dimension. The works explore its historical, cultural and symbolic presence, transforming it into a metaphor for the permanence and adaptability of island ecosystems.

Throughout the exhibition, Adonis Galvão develops a visual language that moves between painting, digital media and installation, creating hybrid landscapes where the organic and the artificial, the natural and the constructed, coexist and contaminate each other. His works evoke both the memory of original ecosystems and possible future scenarios, where nature also appears as synthesis, invention and projection.

The curatorship of Márcia Zoé Ramos articulates these different nuclei into a coherent and engaging narrative, leading the visitor on a journey that goes beyond aesthetic contemplation to promote critical reflection on the relationships between living beings, territories and temporalities. In this way, Indigenous, Exotic, Invasive asserts itself as a poetic and political investigation into the landscape, understood not as a fixed reality, but as a dynamic process of continuous transformation.

More than an exhibition about the flora of Madeira, this project invites the public to reconsider notions of belonging, identity and coexistence, revealing the landscape as a living organism, in permanent construction and reinvention.

Emanuel Gaspar

Master in Art and Heritage from the Department of Art and Design of the University of Madeira and a degree in Art History from the Faculty of Arts of the University of Porto. He is a researcher at the Research Center for Regional and Local Studies at the University of Madeira. He is Coordinator of the Santa Cruz House of Culture | Quinta do Revoredo.



indígena, exótica, invasora *indigenous, exotic, invasive*

adonis galvão

sala  blandy

sinopse

Indígena, Exótica, Invasora propõe uma reflexão sobre a paisagem como um campo de relações em constante transformação, onde natureza, cultura e história se entrelaçam. Tomando o arquipélago da Madeira como território de investigação, a exposição aborda as tensões entre espécies nativas, introduzidas e invasoras, questionando categorias que buscam fixar identidades no mundo vivo.

A partir de uma compreensão da vida como rede — atravessada por deslocamentos, contaminações e alianças —, o trabalho de Adonis Galvão explora zonas de passagem entre o orgânico e o artificial, o natural e o construído. As suas obras, que transitam entre pintura, meios digitais e instalações, articulam formas e atmosferas que evocam tanto a memória de ecossistemas originários quanto cenários futuros, onde a natureza se torna também síntese e invenção.

A exposição convida o público a repensar noções de pertença, evidenciando a flora e paisagem como um processo impermanente mas dinâmico — simultaneamente estético, ecológico e político.

artista

Adonis Galvão (Cataguases, MG, Brasil, 1972) é um artista luso-brasileiro cuja produção se desenvolve entre a pintura, os meios digitais e as instalações. A sua prática artística orienta-se pela investigação das formas orgânicas observadas na natureza, instaurando um campo de tensão e equilíbrio entre fluidez e leveza, entre o estático e o dinâmico. Por meio da cor, da composição e do espaço, o artista opera em zonas de passagem — entre seres, culturas e natureza —, articulando questões ligadas às transformações sociais e ambientais do mundo contemporâneo.

As suas pinturas, atravessadas por referências do naturalismo, são marcadas pela ideia de impermanência e pela tensão entre ordem e caos. Nelas, emergem também os rastros da presença humana — os seus ruídos e vestígios — como camadas que se sobrepõem à paisagem. Nas instalações, essa investigação se amplia no espaço, constituindo ambientes imersivos que convocam o corpo e ativam relações entre espaço, natureza e tempo, configurando experiências de caráter sensorial e relacional.

A partir de 2018, ao fixar residência na Ilha da Madeira, o artista passa a aprofundar pesquisas em torno das relações entre migração, etnobotânica e transformações ambientais, compreendendo a ilha como um território de convergência entre culturas e ecossistemas. Desde então, vem participando de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior (Europa continental), e suas obras integram acervos no Brasil, Estados Unidos da América, Austrália, Portugal e Itália. A prática da sua arte, configura-se como um dispositivo de composição e pensamento. Ao acompanhar tais transformações, o trabalho de Adonis Galvão não se limita à observação: intervém, desloca e reconfigura as relações entre espécies, territórios e temporalidades. Adonis Galvão vive e trabalha na Ilha da Madeira, Portugal.



synopsis

Indigenous, Exotic, Invasive proposes a reflection on the landscape as a field of constantly transforming relationships, where nature, culture, and history intertwine. Using the Madeira archipelago as a research territory, the exhibition addresses the tensions between native, introduced, and invasive species, questioning categories that seek to establish identities in the living world.

Based on an understanding of life as a network—permeated by displacements, contaminations, and alliances—Adonis Galvão's work explores zones of transition between the organic and the artificial, the natural and the constructed. The artist's works, which range from painting and digital media to installations, articulate forms and atmospheres that evoke both the memory of original ecosystems and future scenarios, where nature also becomes synthesis and invention.

The exhibition invites the public to rethink notions of belonging, highlighting flora and landscape as an impermanent yet dynamic process—simultaneously aesthetic, ecological, and political.

artist

Adonis Galvão (Cataguases, MG, Brazil, 1972) is a Portuguese-Brazilian artist whose work spans painting, digital media, and installations. His artistic practice is guided by the investigation of organic forms observed in nature, establishing a field of tension and balance between fluidity and lightness, between the static and the dynamic. Through color, composition, and space, the artist works in zones of transition—between beings, cultures, and nature—articulating issues related to the social and environmental transformations of the contemporary world.

His paintings, permeated by references to naturalism, are marked by the idea of impermanence and the tension between order and chaos. Traces of human presence—its noises and vestiges—also emerge in them as layers superimposed on the landscape. In his installations, this investigation expands into space, creating immersive environments that engage the body and activate relationships between space, nature, and time, configuring sensory and relational experiences.

Starting in 2018, after taking up residence on the island of Madeira, the artist began to deepen his research into the relationships between migration, ethnobotany, and environmental transformations, understanding the island as a territory of convergence between cultures and ecosystems. Since then, he has participated in solo and group exhibitions in Brazil and abroad (continental Europe), and his works are part of collections in Brazil, the United States of America, Australia, Portugal, and Italy.

His art practice is configured as a device for composition and thought. By following such transformations, Adonis Galvão's work is not limited to observation: he intervenes, displaces, and reconfigures the relationships between species, territories, and temporalities.

Adonis Galvão lives and works on the island of Madeira, Portugal.



vídeo institucional | *institutional video*



Exposição 'indígena, exótica, invasora' de Adonis Galvão

Filmagem e direção de arte por Nuno Rodrigues

Casa da Cultura de Santa Cruz | Ilha da Madeira - Portugal | 30 abr

-

Exhibition 'Indigenous, exotic, invasive' by Adonis Galvão

Filming and art direction by Nuno Rodrigues

Santa Cruz Cultural Center | Madeira Island - Portugal | April 30

CCSC | Exposição 'indígena, exótica, invasora' de Adonis Galvão

CCSC | *Exhibition 'Indigenous, exotic, invasive' by Adonis Galvão*

youtu.be/7GDyy_EUPxc





indígena, exótica, invasora

Marcia Zoé Ramos | Curadora

Habitar o mundo é ocupar um território compartilhado, atravessado por disputas, cooperações e metamorfoses. Não existe um meio ambiente “natural” em sentido puro: todo espaço é produzido por múltiplas espécies, em relações contínuas de transformação. O ar que respiramos, por exemplo, não é dado — é resultado da ação de plantas e microrganismos. A Terra é, assim, continuamente moldada pela biodiversidade — e, de modo decisivo, pelas plantas.

Costumamos definir os seres vivos como aqueles que nascem, crescem, se reproduzem e morrem. No entanto, essa definição é insuficiente. Uma árvore ou uma flor dependem de água, solo, luz e de uma rede complexa de relações que envolve também o não vivo. A vida é sempre um entrelaçamento.

Ornamentamos com flores as instituições do imaginário humano, assim como nossas casas e rituais. No entanto, sua relevância antecede — e ultrapassa — esse gesto simbólico. A nossa existência está intrinsecamente ligada às flores, às plantas e à natureza da qual fazemos parte: somos por ela constituídos, ao mesmo tempo em que a transformamos de modo decisivo. A flor — indígena, exótica, invasora —, tema desta exposição, exemplifica uma forma de coautoria: ao delegar aos insetos a continuidade de sua espécie, evidencia um mundo tecido por interdependências, no qual cada forma de vida se sustenta em relação às outras. Também os seres humanos, como quase todos os organismos, dependem do ar para viver — e são as plantas as responsáveis por sua renovação, atuando como mediadoras do metabolismo atmosférico e arquitetas do equilíbrio climático do planeta.

Emanuele Coccia escreveu que o mundo é, antes de tudo, uma entidade vegetal — mais jardim do que zoológico. As plantas não apenas habitam esse jardim; são elas que o concebem e cultivam. Nós, como todos os animais, somos produtos dessa jardinagem profunda, simultaneamente cultural e agrícola. As plantas não compõem a paisagem: são as primeiras a imaginá-la, moldá-la e transformá-la.

Nesse contexto, categorias como “indígena”, “exótica” e “invasora” revelam tanto quanto limitam nossa compreensão. Elas projetam sobre o mundo vivo ideias de fronteira, controle e pertencimento. No entanto, a vida opera por deslocamentos, contaminações e alianças. Não há territórios fixos: todos os seres são, em alguma medida, migrantes e coautores do espaço que habitam.

As obras aqui reunidas do artista visual Adonis Galvão, na sua exposição “Indígena, Exótica, Invasora”, tomam o arquipélago da Madeira como campo de investigação sensível: das florestas originárias, que enraizam a memória de um mundo anterior, às espécies introduzidas que se tomaram paisagem, à exuberância das flores, até as plantas invasoras que se expandem pelo território.

Marcia Zoé Ramos

(Formada em Artes Visuais, História da Arte, Antropologia e Fotografia. Professora de arte, orientadora, gestora e produtora cultural. Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.)



indigenous, exotic, invasive

Marcia Zoé Ramos | Curator

To inhabit the world is to occupy a shared territory, traversed by disputes, cooperation, and metamorphoses. There is no such thing as a purely “natural” environment: all space is produced by multiple species in continuous relationships of transformation. The air we breathe, for example, is not given—it is the result of the action of plants and microorganisms. The Earth is thus continuously shaped by biodiversity — and, decisively, by plants.

We usually define living beings as those that are born, grow, reproduce, and die. However, this definition is insufficient. A tree or a flower depends on water, soil, light, and a complex network of relationships that also involves the non-living. Life is always an intertwining.

We adorn the institutions of the human imagination with flowers, as well as our homes and rituals. However, their relevance precedes — and surpasses — this symbolic gesture. Our existence is intrinsically linked to flowers, plants, and the nature of which we are a part: we are constituted by it, while at the same time we decisively transform it. The flower — indigenous, exotic, invasive — the theme of this exhibition, exemplifies a form of co-authorship: by delegating to insects the continuity of its species, it highlights a world woven by interdependencies, in which each form of life sustains itself in relation to others. Human beings, like almost all organisms, also depend on air to live — and plants are responsible for its renewal, acting as mediators of atmospheric metabolism and architects of the planet’s climatic balance.

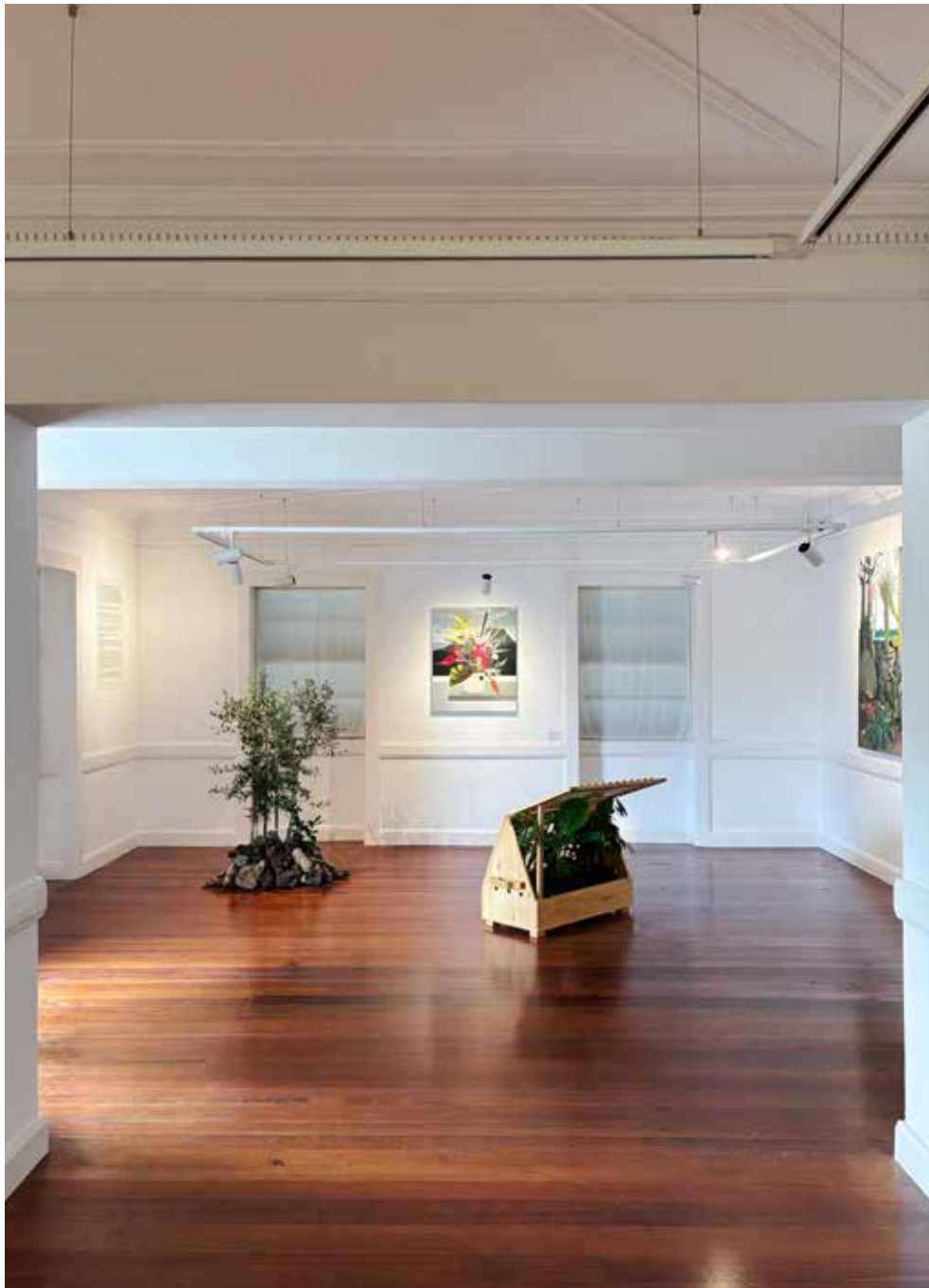
Emanuele Coccia wrote that the world is, above all, a vegetal entity — more garden than zoo. Plants not only inhabit this garden; they are the ones who conceive and cultivate it. We, like all animals, are products of this profound gardening, simultaneously cultural and agricultural. Plants do not compose the landscape: they are the first to imagine it, shape it, and transform it.

In this context, categories such as “indigenous”, “exotic” and “invasive” reveal as much as they limit our understanding. They project ideas of borders, control, and belonging onto the living world. However, life operates through displacement, contamination, and alliances. There are no fixed territories: all beings are, to some extent, migrants and co-creators of the space they inhabit.

The works gathered here by visual artist Adonis Galvão, in his exhibition “Indigenous, Exotic, Invasive”, take the Madeira archipelago as a sensitive field of investigation: from the original forests, which root the memory of a previous world, to the introduced species that have become landscape, to the exuberance of the flowers, to the invasive plants that are expanding across the territory.

Marcia Zoé Ramos

(Holds degrees in Visual Arts, Art History, Anthropology, and Photography. Art teacher, mentor, manager, and cultural producer. Lives and works in Rio de Janeiro, Brazil.)



sala 1 - indígenas e exóticas

Antes de qualquer chegada, havia a floresta, memória viva da terra. O arquipélago da Madeira existiu durante milénios como um mundo completo em si mesmo — ilhas nascidas do fogo submarino, cobertas por florestas que a Europa continental há muito havia perdido. A Laurissilva, floresta de loureiros, dragoeiros e tis, é uma relíquia do período Terciário: sobreviveu às glaciações quando o resto desapareceu, guardando formas de vida que já não existem em nenhum outro lugar do planeta. O Zambujal, floresta costeira de oliveiras bravas, habitou asencostas mais expostas ao vento e ao sal — mais frágil, mais fragmentado, mais vulnerável ao que viria.

Estas florestas não são apenas ecossistemas. São arquivos. Cada árvore carrega em si uma forma de tempo que escapa à medida humana.

O artista propõe um olhar sobre o arquipélago na sua totalidade — não apenas a ilha principal, mas o corpo completo: o Porto Santo, as Ilhas Selvagens, as Ilhas Desertas. Perfis de terra no oceano, cada uma com a sua solidão e a sua vida própria. Um arquipélago é, por natureza, uma multiplicidade sem centro fixo — ilhas que existem em relação, separadas pela água que também as une.

O seu Vaso de Flores “INDÍGENAS, EXÓTICAS, INVASORAS” dá boas-vindas ao visitante e convida a pensar nas analogias complexas entre natureza e a condição humana. Ele nos alerta de que nada é para sempre.

Os pássaros atravessam as pinturas de Galvão desde sempre, como personagens essenciais. Aqui ele apresenta alguns semeadores invisíveis da floresta que transportam pólen e sementes, faz brotar flores os frutos, abrem clareiras, ligam pontos do território que nenhum caminho humano alcança. Sem os pássaros, a Laurissilva não sobreviveria.

No centro da sala, o artista nos apresenta sua réplica da Caixa de Ward — aquela invenção do século XIX que permitiu transportar plantas vivas através dos oceanos sem que morressem. Foi ela que acelerou a circulação global de espécies: Galvão imaginou sua caixa transportando para a Madeira a vinha, a cana de açúcar, a bananeira, a anoneira, a mangueira, o maracujazeiro. Plantas que hoje parecem tão madeirenses quanto a própria pedra basáltica, vulcânica. A caixa é um objeto aparentemente inocente — mas é também o símbolo de uma transformação irreversível: o momento em que a ilha deixou de ser apenas o que era para se tornar também o que recebeu.

A obra “REVOREDO” é uma homenagem à casa que recebe o artista, mas também representa as duas florestas em corpo, a respirar na sala. São árvores reais, vivas, presentes, que se misturam e incorporam a flora e fauna da Madeira.



room 1 - indigenous and exotic

Before any arrival, there was the forest, the living memory of the land. The Madeira archipelago existed for millennia as a complete world in itself — islands born from underwater fire, covered by forests that continental Europe had long since lost. The Laurissilva, a forest of laurels, dragon trees, and yew trees, is a relic of the Tertiary period: it survived the ice ages when the rest disappeared, preserving forms of life that no longer exist anywhere else on the planet. Zambujal, a coastal forest of wild olive trees, inhabited the slopes most exposed to wind and salt — more fragile, more fragmented, more vulnerable to what was to come.

These forests are not just ecosystems. They are archives. Each tree carries within it a form of time that escapes human measurement.

The artist proposes a look at the archipelago in its entirety — not just the main island, but the complete body: Porto Santo, the Selvagens Islands, the Desertas Islands. Profiles of land in the ocean, each with its own solitude and life. An archipelago is, by nature, a multiplicity without a fixed center — islands that exist in relation, separated by the water that also unites them.

His Flower Vase “INDIGENOUS, EXOTIC, INVASIVE” welcomes the visitor and invites them to think about the complex analogies between nature and the human condition. It warns us that nothing is forever.

Birds have always been present in Galvão’s paintings, as essential characters.

Here he presents some invisible sowers of the forest that carry pollen and seeds, make flowers and fruits sprout, open clearings, connect points of the territory that no human path reaches. Without the birds, the Laurissilva forest would not survive.

In the center of the room, the artist presents his replica of Ward’s Box — that 19th-century invention that allowed live plants to be transported across the oceans without dying. It was she who accelerated the global circulation of species: Galvão imagined his box transporting to Madeira the vine, the sugar cane, the banana tree, the custard apple tree, the mango tree, the passion fruit vine. Plants that today seem as Madeiran as the basaltic, volcanic rock itself. The box is an apparently innocent object — but it is also the symbol of an irreversible transformation: the moment when the island ceased to be only what it was to also become what it received.

The work “REVOREDO” is a tribute to the house that receives the artist, but it also represents the two forests in body, breathing in the room. They are real, living, present trees that mix and incorporate the flora and fauna of Madeira.



INDÍGENA, EXÓTICA, INVASORA / INDIGENOUS, EXOTIC, INVASIVE | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 100 x 80 cm

Alcachofra (*Cynara cardunculus* L. var. *ferocissima*)
Bastão do imperador (*Etlingera elatior*)
Castanha (*Allegheny chinquapin*)
Madre-de-Louro (*Laurobasidium lauri*)
Helicônia (*Latispatha mexican gold*)
Aloe trepador (*Aloisampelos ciliaris*)
Cila da Madeira (*Scilla madeirensis*)
Urze (*Erica arborea*)
Algodoeiro (gênero botânico *Gossypium* L., da família *Malvaceae*)
Figueira (*Ficus carica*)
Tabaqueira (*Solanum mauritianum*)
Estrelícia Gigante (*Strelitzia Nicolai*)
Heliconia (*Heliconia stricta bucky*)
Bananeira de Darjeeling ou do Himalaia (*Musa sikkimensis*)



REVOREDO | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 160 X 200 cm

Palmeira-das-canárias (*Phoenix canariensis*)
Palma-do-paraiso (*Howea forsteriana*)
Abacaxi do mato (*Ananas comosus* var. *bracteatus*)
Flor Trombeta (*Brugmansia suaveolens*)
Bananeira (*Sikkimensis*)
Costela de Adão (*Monstera deliciosa*)
Palmeira Cunningham (*Archontophoenix cunninghamiana*)
Bromélia (*Billbergia vittata*)
Bananeira rosa (*Musa velutina*)
Jasmim-manga (*Plumeria rubra*)
Dracena-vermelha (*Cordyline terminalis*)
Tulipeira (*Spathodea campanulata*)
Eucalipto (*Eucalyptus globulus*)
Mulungu (*Erythrina speciosa* ou *Erythrina mulungu*)

Figueira (*Ficus carica*)
Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*)
Dragoeiro (*Dracaena draco*)
-
Gato (*Felis catus*)
Gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis*)
Gaivota-de-asa-escuro (*Larus fuscus*)
Lagartixa-da-madeira (*Teira dugesii*)





ARCA DE EXÓTICAS / EXOTIC TREES' ARK | 2026
 objeto-releitura da caixa de ward, madeira / object - reinterpretation of the ward box, wood
 árvores frutíferas exóticas / exotic fruit trees
 Apoio: Viveiro Sousa / Support: Viveiro Sousa | 75 X 50 X 100 cm



LAUREANDO | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 100 X 160 cm

Alegria-campo (*Semele androgyna*)
 Loureiro (*Laurus novocanariensis*)
 Barbusano (*Apollonias barbujana*)
 Til (*Ocotea foetens*)
 Vinhático (*Persea indica*)
 Orquídea-branca (*Goodyera macrophylla*)
 -
 Tentilhão-da-Madeira (*Fringilla maderensis*)





sala 2 - sala das invasoras

“ Artigo 7- A Nação das plantas não tem fronteiras. Todo ser vivo é livre para transitar por ela, mudar-se para ela e nela viver sem nenhum entrave.”

Stefano Mancuso, in A Nação das Plantas

Um mapa é sempre uma decisão sobre o que merece ser visto, e os mapas turísticos distribuídos gratuitamente na chegada à ilha são objetos de boas-vindas: mostram praias, miradouros, restaurantes, estradas. Mostram a Madeira como destino, como paisagem ordenada, como lugar que se deixa percorrer.

O que não mostram é o que cresce nas margens desses caminhos, nas encostas entre os pontos de referência, nos terrenos que nenhum turista visita. O que não mostram são as invasoras e sua floração.

Emanuele Coccia defende que “a vida das plantas é uma cosmogonia em ato, a gênese constante do nosso cosmos. As implicações práticas desta visão são profundas e convidam-nos a repensar a nossa relação com o meio ambiente”. Nesse sentido, não é intuito do artista estabelecer uma posição sobre esses vegetais ou investigar qual pode ser a influência dos diversos agentes sobre a forma ou extensão de propagação, quais são as causas que podem expandi-la e aquelas que devem limitá-la.

Ele sabe que raramente a população vegetal de um território lhe pertence por inteiro. As plantas ou são originárias do solo que habitam, ou são espécies colonizadas, transportadas por diversos meios. Para ele, o que interessa é que cada planta tem seu paraíso, seu ponto central, do qual parte e irradia. Nos mapas “turísticos”, Galvão intervém sobre essa silenciosa invasão. Cada mapa recebeu a pintura, de traço delicado e realista do artista, de uma planta invasora em floração — bela, vigorosa, em plena expansão. A flor sobre o mapa é uma sobreposição de realidades: por baixo, o território tal como o poder o representa; por cima, o território tal como ele realmente cresce.

As invasoras não aparecem nos roteiros turísticos, mas estão em toda a parte — tentando, de todas as formas, ganhar terreno. São o rizoma que os mapas oficiais recusam cartografar. Os Mapas das Invasoras transformam a cópia oficial do território num mapa vivo, onde o que foi apagado retorna em flor.

A obra “CABOS ATLÂNTICOS” aprofunda esta ideia de invasão invisível, mas desce ao subterrâneo, ao submarino. Sobre uma cartografia antiga da ilha o artista traça as rotas dos cabos de fibra ótica intercontinentais que hoje atravessam o fundo do oceano.

A Madeira é, geograficamente, um nó: ponto de encontro entre a Europa, África e as Américas. Por baixo da água que a cerca passam fluxos de dados que conectam continentes inteiros. Ninguém os vê. Ninguém os sente. Mas tudo o que comunicamos, pesquisamos e transmitimos viaja por ali.

O artista lê esses cabos como uma invasão tecnológica silenciosa, submersa, subterrânea. Não de raízes nem de rizomas vegetais, mas de redes digitais que replicam, à sua maneira, a mesma lógica de expansão horizontal e invisível. O rizoma tornou-se fibra de vidro.

No centro da sala, reina a obra “RODAVIVA”: o mar trouxe o que ninguém encomendou. Galvão recolheu, no Arco de São Jorge — numa das encostas mais selvagens da ilha, onde também compartilha uma residência centenária com seu parceiro filósofo — os objetos depositados pelas marés: madeiras sem origem conhecida, plásticos deformados pelo sal e pelo tempo, restos de corda, fragmentos de morfologia irreconhecível.



Em andanças, encontrou cacos de porcelana, garrafas vazias, vidros, sementes exóticas. Todos esses vestígios estão dispostos em uma instalação que não tem outro autor além do próprio oceano. O artista auxilia como coletor e ordenador estético. Cada maré é uma edição nova — retira, acrescenta, abaula, transforma. Os objetos chegaram de lugares que não sabemos nomear, percorreram distâncias que não conseguimos medir e depositaram-se aqui como uma escrita que não lemos, mas que existe. Esta é a mais nova invasão: nem vegetal nem digital, mas detrital. A invasão do que o mundo descarta e o mar redistribui. Uma metamorfose constante, sem intenção e sem destino — puro movimento, pura chegada. As obras são cartografias do que não se mostra: a planta que floresce fora do mapa, o cabo que liga continentes no fundo do mar, o objeto que o oceano traz. A ilha, percebemos, nunca foi apenas o que os mapas disseram que era.

room 2 - invaders room

“Article 7 - The Nation of Plants has no borders. Every living being is free to move through it, move into it, and live in it without any hindrance.”

Stefano Mancuso, in *The Nation of Plants*

A map is always a decision about what deserves to be seen, and tourist maps distributed free of charge upon arrival on the island are objects of welcome.

They show beaches, viewpoints, restaurants, roads. They show Madeira as a destination, as an ordered landscape, as a place that allows itself to be explored.

What they don't show is what grows on the edges of these paths, on the slopes between the landmarks, in the lands that no tourist visits. What they don't show are the invasive species and their flowering.

Emanuele Coccia argues that “the life of plants is a cosmogony in action, the constant genesis of our cosmos. The practical implications of this vision are profound and invite us to rethink our relationship with the environment.” In this sense, the artist's intention is not to establish a position on these plants or to investigate what the influence of the various agents on the form or extent of propagation may be, what are the causes that can expand it and those that should limit it.

He knows that rarely does the plant population of a territory belong to him entirely. Plants are either native to the soil they inhabit, or they are colonized species, transported by various means. For him, what matters is that each plant has its paradise, its central point, from which it originates and radiates.

In the “tourist” maps, Galvão intervenes on this silent invasion. Each map received the painting, with the artist's delicate and realistic strokes, of an invasive plant in bloom — beautiful, vigorous, in full expansion. The flower on the map is an overlay of realities: below, the territory as power represents it; above, the territory as it actually grows.

The invaders do not appear in tourist itineraries, but they are everywhere — trying, in every way, to gain space. They are the rhizome that official maps refuse to map.

The Maps of the Invaders transform the official copy of the territory into a living map, where what was erased returns in bloom.

The work “ATLANTIC SUBMARINE CABLES” deepens this idea of invisible invasion, but descends to the underground, to the submarine. On an old map of the island, the artist traces the routes of the intercontinental fiber optic cables that now cross the ocean floor. Madeira is, geographically, a node: a meeting point between Europe, Africa, and the Americas. Beneath the water that surrounds it, data flows connect entire continents. No one sees them. No one feels them. But everything we communicate, research, and transmit travels through there.

The artist reads these cables as a silent, submerged, underground technological invasion. Not of roots or plant rhizomes, but of digital networks that replicate, in their own way, the same logic of horizontal and invisible expansion. The rhizome has become fiberglass.

In the center of the room, the work “RODAVIVA” reigns: the sea brought what no one ordered. Galvão collected, in Arco de São Jorge — on one of the wildest slopes of the island, where he also shares a centuries-old residence with his philosopher partner — the objects deposited by the tides: woods of unknown origin, plastics deformed by salt and time, remnants of rope, fragments of unrecognizable morphology.



In his wanderings, he found shards of porcelain, empty bottles, glass, exotic seeds. All these traces are arranged in an installation that has no other author than the ocean itself. The artist assists as a collector and aesthetic organizer. Each tide is a new edition — it removes, adds, bends, transforms. The objects arrived from places we don't know how to name, traveled distances that we cannot measure and were deposited here like a writing that we don't read, but that exists. This is the newest invasion: neither vegetal nor digital, but detrital. The invasion of what the world discards and the sea redistributes. A constant metamorphosis, without intention and without destination — pure movement, pure arrival. The works are cartographies of what is not shown: the plant that blooms outside the map, the cable that connects continents at the bottom of the sea, the object that the ocean brings. The island, we realize, was never just what the maps said it was.





RODA VIVA | 2026
 instalação com objetos recolhidos na praia de calhau (pedra) que se arredondaram com o movimento das ondas, dispostos sobre paletes de transporte de papel / installation with objects collected on pebble beach that have become rounded by the movement of the waves, arranged on paper transport pallets | 300 x 60 cm

OCEANO ATLÂNTICO



MADEIRA

Sugestões para percursos pedestres Suggestions for walking trails

Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico.

The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes.

Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico.

The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes.

Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico. Os percursos pedestres sugeridos são de natureza recreativa e não devem ser considerados como percursos de carácter técnico.

The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes. The suggested walking trails are of a recreational nature and should not be considered as technical routes.



LEGENDA / LEGEND / LEGENDE

- Via rápida / Rapido / Rapide
- Estrada principal / Estrada principal / Estrada principal
- Estrada secundária / Estrada secundária / Estrada secundária
- Estrada terciária / Estrada terciária / Estrada terciária
- Estrada quaternária / Estrada quaternária / Estrada quaternária
- Estrada quintária / Estrada quintária / Estrada quintária
- Estrada sextária / Estrada sextária / Estrada sextária
- Estrada sétima / Estrada sétima / Estrada sétima
- Estrada octava / Estrada octava / Estrada octava
- Estrada nona / Estrada nona / Estrada nona
- Estrada décima / Estrada décima / Estrada décima
- Estrada undécima / Estrada undécima / Estrada undécima
- Estrada duodécima / Estrada duodécima / Estrada duodécima
- Estrada treze / Estrada treze / Estrada treze
- Estrada catorze / Estrada catorze / Estrada catorze
- Estrada quinze / Estrada quinze / Estrada quinze
- Estrada dezasseis / Estrada dezasseis / Estrada dezasseis
- Estrada dezassete / Estrada dezassete / Estrada dezassete
- Estrada dezoito / Estrada dezoito / Estrada dezoito
- Estrada dezanove / Estrada dezanove / Estrada dezanove
- Estrada vinte / Estrada vinte / Estrada vinte
- Estrada vinte e um / Estrada vinte e um / Estrada vinte e um
- Estrada vinte e dois / Estrada vinte e dois / Estrada vinte e dois
- Estrada vinte e três / Estrada vinte e três / Estrada vinte e três
- Estrada vinte e quatro / Estrada vinte e quatro / Estrada vinte e quatro
- Estrada vinte e cinco / Estrada vinte e cinco / Estrada vinte e cinco
- Estrada vinte e seis / Estrada vinte e seis / Estrada vinte e seis
- Estrada vinte e sete / Estrada vinte e sete / Estrada vinte e sete
- Estrada vinte e oito / Estrada vinte e oito / Estrada vinte e oito
- Estrada vinte e nove / Estrada vinte e nove / Estrada vinte e nove
- Estrada trinta / Estrada trinta / Estrada trinta
- Estrada trinta e um / Estrada trinta e um / Estrada trinta e um
- Estrada trinta e dois / Estrada trinta e dois / Estrada trinta e dois
- Estrada trinta e três / Estrada trinta e três / Estrada trinta e três
- Estrada trinta e quatro / Estrada trinta e quatro / Estrada trinta e quatro
- Estrada trinta e cinco / Estrada trinta e cinco / Estrada trinta e cinco
- Estrada trinta e seis / Estrada trinta e seis / Estrada trinta e seis
- Estrada trinta e sete / Estrada trinta e sete / Estrada trinta e sete
- Estrada trinta e oito / Estrada trinta e oito / Estrada trinta e oito
- Estrada trinta e nove / Estrada trinta e nove / Estrada trinta e nove
- Estrada quarenta / Estrada quarenta / Estrada quarenta
- Estrada quarenta e um / Estrada quarenta e um / Estrada quarenta e um
- Estrada quarenta e dois / Estrada quarenta e dois / Estrada quarenta e dois
- Estrada quarenta e três / Estrada quarenta e três / Estrada quarenta e três
- Estrada quarenta e quatro / Estrada quarenta e quatro / Estrada quarenta e quatro
- Estrada quarenta e cinco / Estrada quarenta e cinco / Estrada quarenta e cinco
- Estrada quarenta e seis / Estrada quarenta e seis / Estrada quarenta e seis
- Estrada quarenta e sete / Estrada quarenta e sete / Estrada quarenta e sete
- Estrada quarenta e oito / Estrada quarenta e oito / Estrada quarenta e oito
- Estrada quarenta e nove / Estrada quarenta e nove / Estrada quarenta e nove
- Estrada cinquenta / Estrada cinquenta / Estrada cinquenta
- Estrada cinquenta e um / Estrada cinquenta e um / Estrada cinquenta e um
- Estrada cinquenta e dois / Estrada cinquenta e dois / Estrada cinquenta e dois
- Estrada cinquenta e três / Estrada cinquenta e três / Estrada cinquenta e três
- Estrada cinquenta e quatro / Estrada cinquenta e quatro / Estrada cinquenta e quatro
- Estrada cinquenta e cinco / Estrada cinquenta e cinco / Estrada cinquenta e cinco
- Estrada cinquenta e seis / Estrada cinquenta e seis / Estrada cinquenta e seis
- Estrada cinquenta e sete / Estrada cinquenta e sete / Estrada cinquenta e sete
- Estrada cinquenta e oito / Estrada cinquenta e oito / Estrada cinquenta e oito
- Estrada cinquenta e nove / Estrada cinquenta e nove / Estrada cinquenta e nove
- Estrada sessenta / Estrada sessenta / Estrada sessenta
- Estrada sessenta e um / Estrada sessenta e um / Estrada sessenta e um
- Estrada sessenta e dois / Estrada sessenta e dois / Estrada sessenta e dois
- Estrada sessenta e três / Estrada sessenta e três / Estrada sessenta e três
- Estrada sessenta e quatro / Estrada sessenta e quatro / Estrada sessenta e quatro
- Estrada sessenta e cinco / Estrada sessenta e cinco / Estrada sessenta e cinco
- Estrada sessenta e seis / Estrada sessenta e seis / Estrada sessenta e seis
- Estrada sessenta e sete / Estrada sessenta e sete / Estrada sessenta e sete
- Estrada sessenta e oito / Estrada sessenta e oito / Estrada sessenta e oito
- Estrada sessenta e nove / Estrada sessenta e nove / Estrada sessenta e nove
- Estrada setenta / Estrada setenta / Estrada setenta
- Estrada setenta e um / Estrada setenta e um / Estrada setenta e um
- Estrada setenta e dois / Estrada setenta e dois / Estrada setenta e dois
- Estrada setenta e três / Estrada setenta e três / Estrada setenta e três
- Estrada setenta e quatro / Estrada setenta e quatro / Estrada setenta e quatro
- Estrada setenta e cinco / Estrada setenta e cinco / Estrada setenta e cinco
- Estrada setenta e seis / Estrada setenta e seis / Estrada setenta e seis
- Estrada setenta e sete / Estrada setenta e sete / Estrada setenta e sete
- Estrada setenta e oito / Estrada setenta e oito / Estrada setenta e oito
- Estrada setenta e nove / Estrada setenta e nove / Estrada setenta e nove
- Estrada oitenta / Estrada oitenta / Estrada oitenta
- Estrada oitenta e um / Estrada oitenta e um / Estrada oitenta e um
- Estrada oitenta e dois / Estrada oitenta e dois / Estrada oitenta e dois
- Estrada oitenta e três / Estrada oitenta e três / Estrada oitenta e três
- Estrada oitenta e quatro / Estrada oitenta e quatro / Estrada oitenta e quatro
- Estrada oitenta e cinco / Estrada oitenta e cinco / Estrada oitenta e cinco
- Estrada oitenta e seis / Estrada oitenta e seis / Estrada oitenta e seis
- Estrada oitenta e sete / Estrada oitenta e sete / Estrada oitenta e sete
- Estrada oitenta e oito / Estrada oitenta e oito / Estrada oitenta e oito
- Estrada oitenta e nove / Estrada oitenta e nove / Estrada oitenta e nove
- Estrada noventa / Estrada noventa / Estrada noventa
- Estrada noventa e um / Estrada noventa e um / Estrada noventa e um
- Estrada noventa e dois / Estrada noventa e dois / Estrada noventa e dois
- Estrada noventa e três / Estrada noventa e três / Estrada noventa e três
- Estrada noventa e quatro / Estrada noventa e quatro / Estrada noventa e quatro
- Estrada noventa e cinco / Estrada noventa e cinco / Estrada noventa e cinco
- Estrada noventa e seis / Estrada noventa e seis / Estrada noventa e seis
- Estrada noventa e sete / Estrada noventa e sete / Estrada noventa e sete
- Estrada noventa e oito / Estrada noventa e oito / Estrada noventa e oito
- Estrada noventa e nove / Estrada noventa e nove / Estrada noventa e nove
- Estrada cem / Estrada cem / Estrada cem

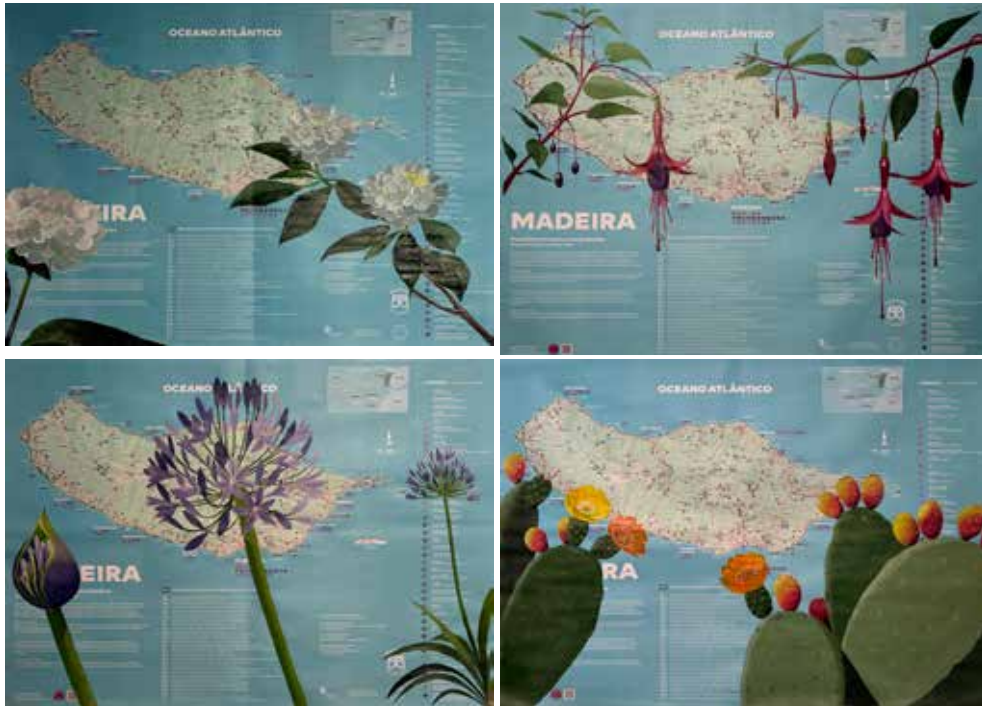




MAPEANDO INVASORAS / MAPPING INVADERS | 2026
acrílica sobre mapa impresso em papel / acrylic on map printed on paper | 42 x 59 cm

1. Bananilha (*Hedychium gardnerianum*)
2. Tabaqueira (*Solanum mauritianum*)
3. Cana-vieira (*Arundo donax*)
4. Sumaúma bastarda (*Araujia sericifera*)

5. Chorão-das-praias (*Carpobrotus edulis*)
6. Abundância (*Ageratina adenophora*)
7. Rícino (*Ricinus communis*)
8. Giesta (*spartium junceum*)



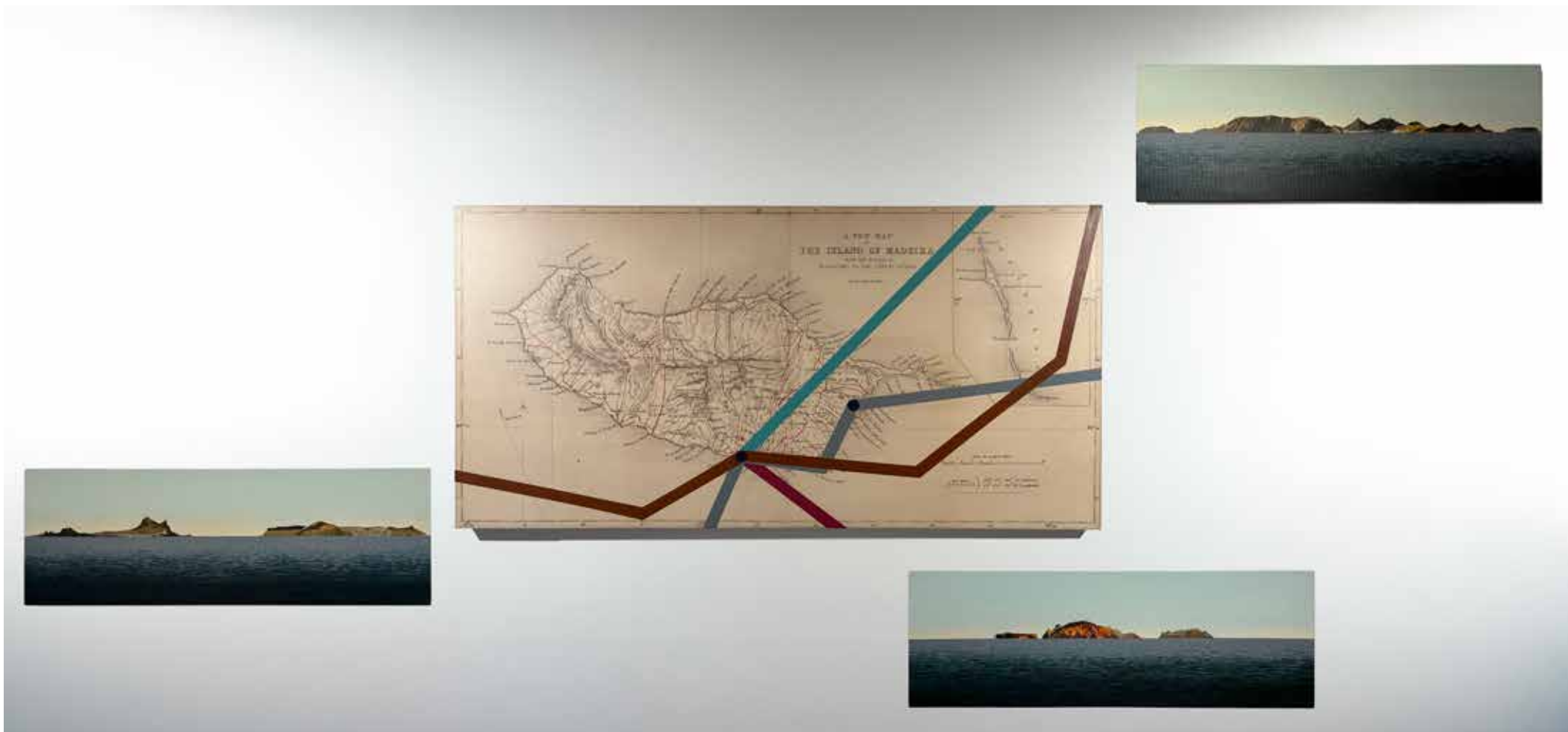
MAPEANDO INVASORAS / MAPPING INVADERS | 2026

acrílica sobre mapa impresso em papel / acrylic on map printed on paper | 42 x 59 cm

- 9. Hortênsia (*Hydrangea macrophylla*)
- 10. Brincos-de-princesa (*Fuschia magellanica*)
- 11. Agapanto (*Agapanthus africanus*)
- 12. Tabaibeira (*Opuntia ficus-indica*)

- 13. Maracujá-banana (*Passiflora mollissima*)
- 14. Acácia-negra (*Acacia mearnsii*)
- 15. Incenseiro (*Pittosporum undulatum*)
- 16. Platanô bastardo (*Acer pseudoplatanus*)





SELVAGEM / WILD | 2026

acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm

CABOS ATLÂNTICOS SUBMARINOS / ATLANTIC SUBMARINE CABLES | 2026

acrílica sobre mapa da ilha da madeira rotas 1851 impresso em canvas | acrylic on map of madeira island routes 1851 printed on canvas | 80 x 160 cm

SANTA | 2026

acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm

DESERTA / DESERTED | 2026

acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm



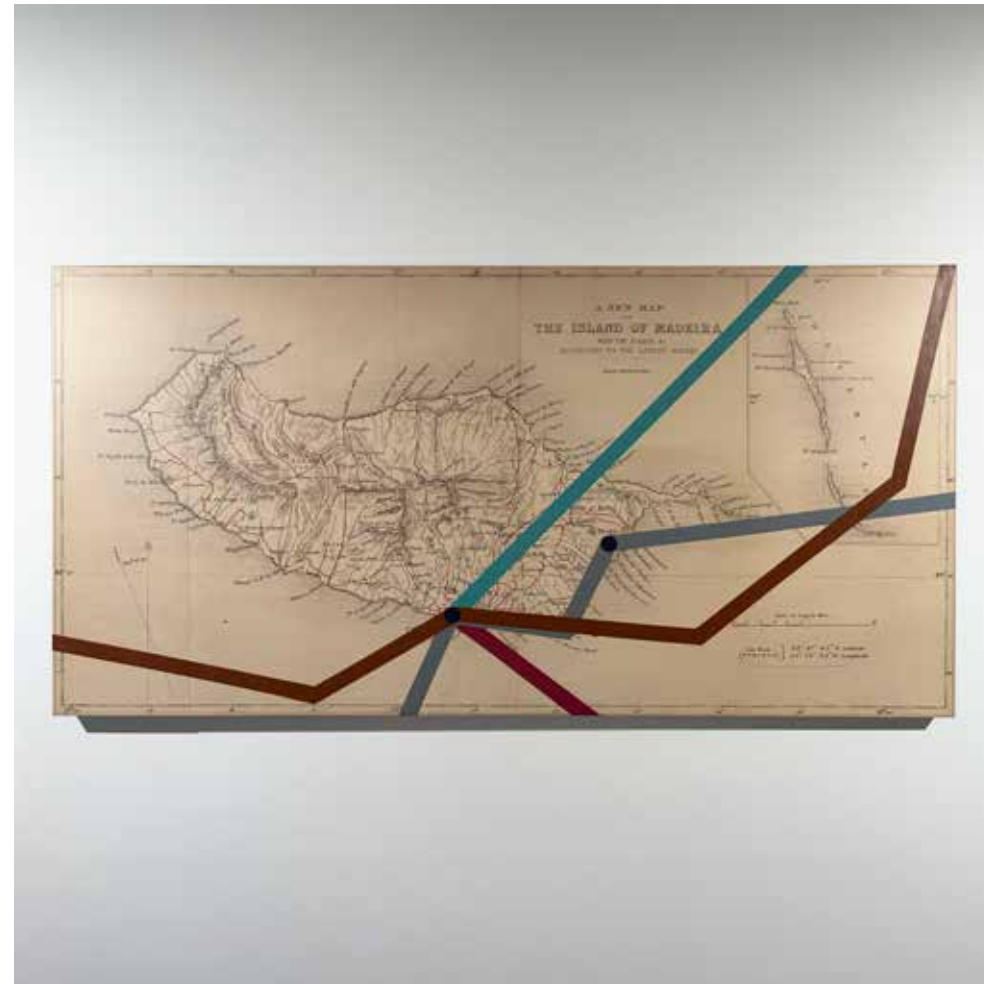
SELVAGEM / WILD | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm



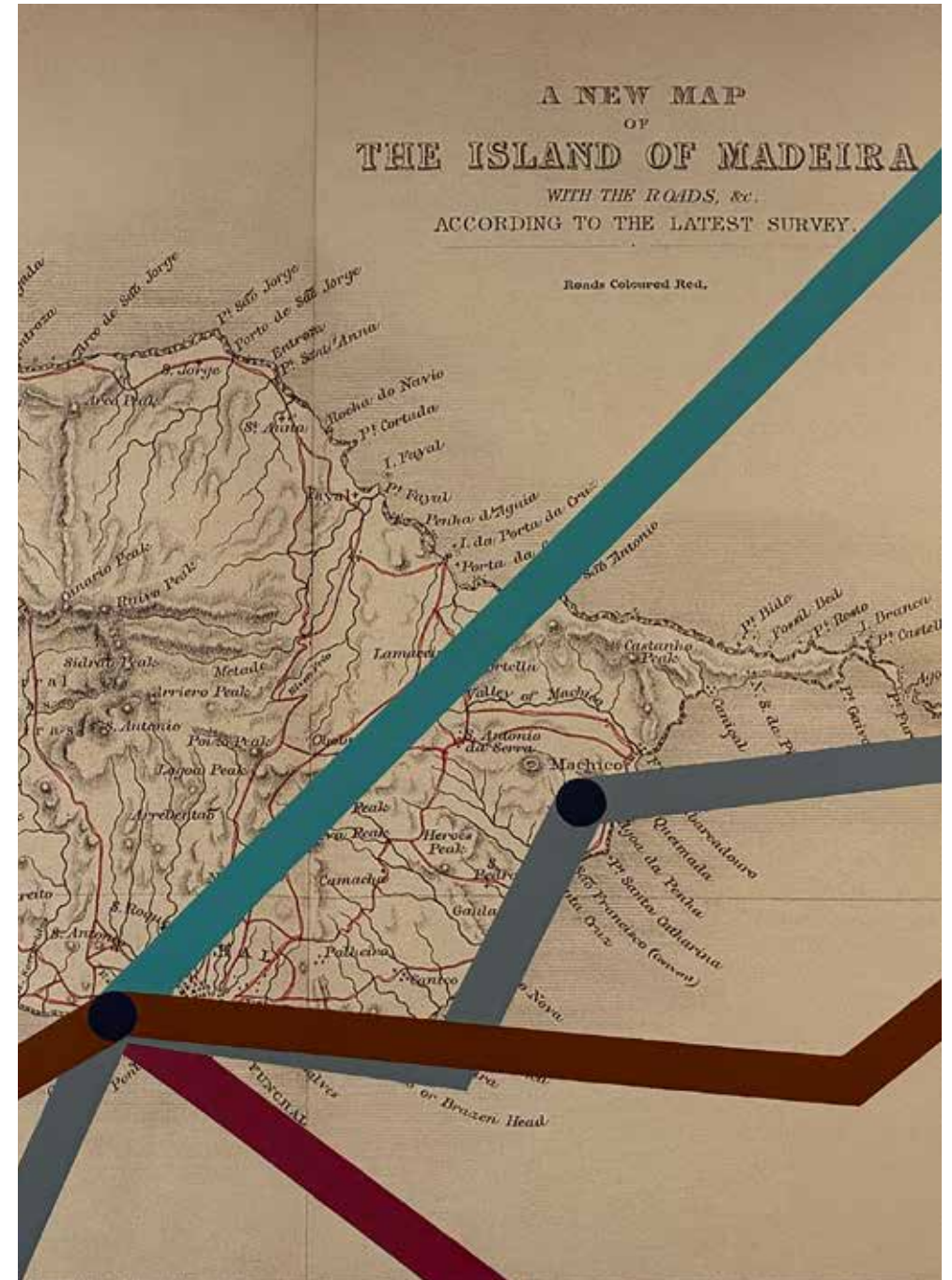
DESERTA / DESERTED | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm



SANTA | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 20 X 60 cm



CABOS ATLÂNTICOS SUBMARINOS / ATLANTIC SUBMARINE CABLES | 2026
acrílica sobre mapa da ilha da madeira rotas 1851 impresso
em canvas | acrylic on map of
madeira island routes 1851 printed on canvas | 80 x 160 cm





sala 3 - futuro

Utopia. Do grego ou-topos: o lugar que não existe.

Thomas More criou a palavra em 1516 para descrever uma ilha imaginária de sociedade justa e perfeita — uma crítica disfarçada de sonho. Utopia passou, desde então, a significar o desejo de um mundo melhor do que este, situado em um lugar que nenhum mapa consegue identificar: uma ilha separada do mundo real pela água que a protege da imperfeição.

Os painéis da obra “FLOR DA CANA-DE-AÇÚCAR IMPACTA A PRODUÇÃO” foram criados por Galvão, inteiramente em computação gráfica e impressos em cores vibrantes — o horizonte da Madeira ornado de canas em flor, pássaros em voo, uma paisagem exuberante e luminosa. Bela como uma memória que nunca existiu, ou como um futuro que escolhemos acreditar possível.

O artista apresentou a instalação num jardim real, na Ponta do Sol — imagens do natural colocadas no meio da natureza, criando um espelho que reflete e, ao mesmo tempo, substitui.

Adonis Galvão observa que “a floração da cana não é vista, pois é impedida porque compromete a produtividade; assim como ideias, pessoas, projetos e ciclos são inibidos de aflorar, pois impactam um determinado sistema. A proposta de uma instalação de florada de cana-de-açúcar quer ressaltar a importância do que não é visto. As formas triangulares das flores da cana representam a unidade, os quatro elementos — terra, água, fogo e ar —, sem os quais não existe natureza. A flor representa a vitalidade, o recomeço do ciclo, metáfora da energia vital.”

Aqui, dentro da sala, nesse horizonte digital, as flores nunca murcham. A invasão mais recente não tem raízes, não tem rizomas, não tem sementes. Não cresce. Não morre. Apenas permanece.

Coccia afirma que o meio ambiente natural, tal como a modernidade o imaginou, não existe — o mundo está sempre, em todas as suas partes, concebido e construído. Cada espécie é, simultaneamente, artista e curadora das demais. A história da Terra é uma história da arte.

Nesse sentido, o jardim-síntese é também uma obra da nossa espécie — uma expressão do que nos tornamos, uma curadoria do que escolhemos ver. Se cada ser vivo habita estruturas que não criou sozinho, esse jardim é uma utopia invertida: não o lugar que não existe como promessa, mas o lugar que não existe como advertência.



room 3 - future

Utopia. From the Greek ou-topos: the place that does not exist.

Thomas More coined the word in 1516 to describe an imaginary island of just and perfect society — a critique disguised as a dream. Utopia has, since then, come to mean the desire for a world better than this one, situated in a place that no map can identify: an island separated from the real world by water that protects it from imperfection.

The panels of the work “FLORDACANA-DE-AÇUCARIMPACTAAPRODUÇÃO” were created by Galvão, entirely in computer graphics and printed in vibrant colors — the horizon of Madeira adorned with flowering canes, birds in flight, a lush and luminous landscape. Beautiful as a memory that never existed, or as a future that we choose to believe is possible.

The artist presented the installation in a real garden, in Ponta do Sol — images of nature placed in the middle of nature, creating a mirror that reflects and, at the same time, replaces.

Adonis Galvão observes that “the flowering of sugarcane is not seen, as it is prevented because it compromises productivity; just as ideas, people, projects and cycles are inhibited from flourishing, as they impact a given system. The proposal for a sugarcane flowering installation aims to highlight the importance of what is not seen. The triangular shapes of the sugarcane flowers represent unity, the four elements — earth, water, fire and air — without which nature does not exist. The flower represents vitality, the restart of the cycle, a metaphor for vital energy.”

Here, inside the room, in this digital horizon, the flowers never wither. The most recent invasion has no roots, no rhizomes, no seeds. It does not grow.

It does not die. It simply remains.

Coccia states that the natural environment, as modernity imagined it, does not exist — the world is always, in all its parts, conceived and constructed. Each species is, simultaneously, artist and curator of the others. The history of the Earth is a history of art.

In this sense, the synthesis garden is also a work of our species—an expression of what we have become, a curation of what we choose to see. If each living being inhabits structures that it did not create alone, this garden is an inverted utopia: not the place that does not exist as a promise, but the place that does not exist as a warning.



CANÁRIO / CANARY | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 90 x 75 cm

FLOR DA CANA / SUGARCANE FLOWER | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 90 x 75 cm

CANA-DE-AÇÚCAR / SUGARCANE | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 90 x 75 cm





CANÁRIO / CANARY | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 30 x 25 cm

CANA-DE-AÇÚCAR / SUGARCANE | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 30 x 25 cm

FLOR DA CANA / SUGARCANE FLOWER | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 30 x 25 cm



PAINEL CANÁRIO 2 / CANARY 2 PANEL | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 200 x 100 cm

PAINEL TROPICANA / TROPICANA PANEL | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 200 x 100 cm



PAINEL FLOR DA CANA / SUGARCANE FLOWER PANEL | 2024
impressão sobre tela / ink on canvas | 200 x 100 cm







FLOR / FLOWER | 2024
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 cm



SEMENTE / SEED | 2024
 acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 cm



sala 4 - sala dos dragoeiros

“Será somente apropriado, então, seguir a ordem das invenções humanas, e falar dessas árvores antes”
Plínio, o Velho

Há árvores que existem antes da memória humana. O dragoeiro é uma delas. Árvore perene da Laurissilva, de crescimento lentíssimo, que pode viver séculos sem que o olho humano perceba qualquer mudança visível.

Não cresce em linha reta como as árvores que conhecemos — ramifica-se apenas quando floresce, dividindo-se e tornando-se mais complexa a cada ciclo de vida. A sua idade, impossível de medir pelos anéis como nas outras árvores, guarda-se no segredo da sua própria arquitetura.

Plínio, o Velho, na sua “História Natural”, escrita entre os anos 77 e 79 d.C., descreveu as Ilhas Afortunadas — hoje associadas à Macaronésia — como um paraíso terrestre de clima ameno e vegetação exuberante. Entre as suas riquezas, destacou as resinas preciosas que escorriam das árvores dessas ilhas. O sangue de dragão foi durante séculos um dos materiais mais disputados da Europa: usava-se como verniz, como pigmento, como medicamento. Curava feridas, selava madeiras, tingia tecidos, aparecia em tratados de alquimia e em poemas. A árvore era, simultaneamente, farmácia, pintura e mito. Essa disputa quase a extinguiu.

Hoje, poucos exemplares sobrevivem nas ilhas. A árvore que curava foi consumida pela mesma ambição humana que move todas as extrações. O dragoeiro tornou-se, para a maioria dos habitantes da Madeira, uma presença quase invisível — conhecida de nome, desconhecida de corpo.

O artista, observador da natureza, começa por seu território/quintal no Funchal, quando avista duas dessas majestosas árvores e cria uma série dedicada a ela.

As seis pinturas desta sala percorrem os pontos da ilha onde ele ainda existe — retratos de uma sobrevivência discreta, quase teimosa. Não há dramatismo de extinção: Galvão preza a beleza acima de tudo. O seu traço procura abarcar os detalhes, as sutilezas desta presença serena, de algo que aprendeu a durar resistindo ao esquecimento.

Uma mesa guarda os vestígios da investigação do artista: mapas antigos, citações em poemas, etimologias, fotografias, desenhos botânicos, textos e tratados. Um arquivo afetivo e histórico que devolve ao dragoeiro a profundidade que o tempo foi apagando.

Se a raiz, na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, é aquilo que funda e persiste — o dragoeiro é uma raiz que quase perdeu o chão. Não invade, não prolifera, não se espalha. Fica. Resiste pelo simples ato de continuar a existir onde sempre existiu.



room 4 - dragon trees room

"It would only be appropriate, then, to follow the order of human inventions, and speak of these trees first."
Pliny the Elder

An evergreen tree of the Laurissilva forest, with extremely slow growth, it can live for centuries without the human eye perceiving any visible change.

Its silhouette is unmistakable: the robust trunk that opens into a dense, spherical crown. It doesn't grow in a straight line like the trees we know—it branches only when it flowers, dividing and becoming more complex with each life cycle. Its age, impossible to measure by its rings as in other trees, is kept secret by its own architecture.

Pliny the Elder, in his "Natural History," written between 77 and 79 AD, described the Fortunate Isles—today associated with Macaronesia—as an earthly paradise with a mild climate and lush vegetation. Among its riches, he highlighted the precious resins that flowed from the trees of these islands. Dragon's blood was for centuries one of the most sought-after materials in Europe: it was used as varnish, as pigment, as medicine. It healed wounds, sealed wood, dyed fabrics, appeared in alchemy treatises and poems. The tree was simultaneously pharmacy, painting, and myth. This dispute almost extinguished it.

Today, few specimens survive on the islands. The tree that healed was consumed by the same human ambition that drives all extractions. The dragon tree has become, for most of Madeira's inhabitants, an almost invisible presence—known by name, unknown in body.

The artist, an observer of nature, begins in his own territory/backyard in Funchal, when he spots two of these majestic trees and creates a series dedicated to them.

The six paintings in this room traverse the points on the island where it still exists—portraits of a discreet, almost stubborn survival. There is no drama of extinction: Galvão values beauty above all else. His style seeks to encompass the details, the subtleties of this serene presence, of something that has learned to endure by resisting oblivion.

A table holds the vestiges of the artist's research: old maps, quotations in poems, etymologies, photographs, botanical drawings, texts, and treatises. An affective and historical archive that restores to the dragon tree the depth that time has erased.

If the root, in the philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, is that which founds and persists—the dragon tree is a root that almost lost its footing. It doesn't invade, it doesn't proliferate, it doesn't spread. It stays. It resists by the simple act of continuing to exist where it has always existed.



VINHA DRACO VINHO | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 200 X 160 cm



FLOR DE DRAGOEIRO / DRAGON TREE FLOWER | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 30 X 24 cm



SEMENTE DE DRAGOEIRO / DRAGON TREE SEED | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 30 X 24 cm



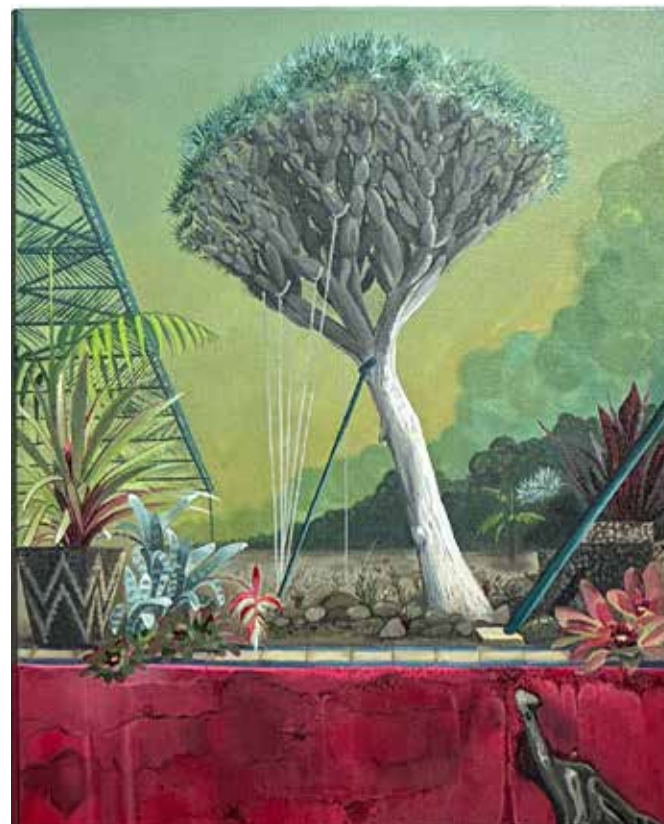
CASA COLOMBO / COLOMBO HOUSE | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 X 40 cm



CASA NO ARCO / HOUSE IN THE ARCH | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 X 40 cm



LADÔN | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 X 40 cm



JARDIM DAS HESPÉRIDES / GARDEN OF THE HESPÉRIDES | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 50 X 40 cm





MATADOURO / SLAUGHTERHOUSE | 2025
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 125 X 100 cm



CHARLES DRAWING / CHARLES DRAWING | 2026
acrílica sobre tela / acrylic on canvas | 125 X 100 cm



12
JUN
-
18h

conversa sobre a exposição de adonis galvão

Entre o nativo e o estrangeiro: uma conversa sobre arte e plantas

convidadas oradoras Susana Fontinha, Violante Matos
moderação Emanuel Gaspar

conversa | conversation



Entre o nativo e o estrangeiro: uma conversa sobre arte e plantas

Convidadas oradoras Violante Saramago Matos e Susana Fontinha
Moderação Emanuel Gaspar

Casa da Cultura de Santa Cruz | Ilha da Madeira - Portugal | 12 jun 18h

Between the native and the foreigner: a conversation about art and plants

Guest speakers Violante Saramago Matos and Susana Fontinha

Moderated by Emanuel Gaspar

Santa Cruz Cultural Center | Madeira Island - Portugal | June 12, 6 PM

Entre o nativo e o estrangeiro: uma conversa sobre arte e plantas

Between the native and the foreigner: a conversation about art and plants

youtu.be/7GDyy_EUPxc



■
adonis galvão

art@adonisgalvao.com
instagram.com/adonisgalvao

adonisgalvao.com





temporada
artística
2026

município de

santa cruz
madeira



—
emanuel gaspar
coordenador da CCSC

—
adonis galvão
marcia zoé ramos
textos

—
tomásia castro
design

—
ana filipa pereira
joana sousa
pedro sousa
pedro ribeiro
rafaela rodrigues
taciana gouveia
tomásia castro
zé ferreira
equipa técnica

casa  **cultura**
santa cruz

